

# MULHER NEGRA NA LITERATURA: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E RESISTÊNCIA

Cecília Moreira Soares [\*]

Grácia Lorena da Silva Jorge [\*\*]

---

[\*] Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia -UNEB, atuando no Departamento de Educação Campus I.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1803-6370>  
E-mail: [ceciliosoares@yahoo.com.br](mailto:ceciliosoares@yahoo.com.br)

[\*\*] Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora de Língua Portuguesa do Ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0071-1569>  
E-mail: [gracia.jorge@ifnmg.edu.br](mailto:gracia.jorge@ifnmg.edu.br)

## RESUMO

O presente artigo pretende discutir como a literatura tem sido utilizada enquanto mecanismo de luta e resistência por mulheres negras, de modo a evidenciar diferentes caminhos e temáticas que permeiam tal utilização. Nesse âmbito, propomos uma reflexão sobre as vozes que se fazem presentes na escrita literária a partir do lugar de fala das escritoras, de suas experiências individuais e coletivas. Em seguida, realizamos uma análise de como as autoras, em suas produções, abordam questões relacionadas às identidades, ao empoderamento, às lutas e resistências da mulher negra. Historicamente, a mulher negra foi colocada à margem das ordens estabelecidas pelo sistema patriarcal, desse modo, o movimento para dar visibilidade a textos literários de mulheres negras é fundamental para desconstruir o discurso dominante e para o reconhecimento das potencialidades femininas negras. Assim, o crescimento de autorias femininas negras contemporâneas na esfera literária evidencia a busca pela “descolonização” da literatura, utilizando-a como meio de existência identitária e de busca pela igualdade de direitos. Como metodologia para a escrita, realizamos pesquisa bibliográfica, a partir de diferentes autores como: Chimamanda Adichie (2009); Evaristo (2014); Davis (2016); Soares (2006) Osana Zolin (2009); Candido (2002); Facina (2004); Cercas (2020); Ribeiro(2017); Zolin (2009); Guimarães(1998); Jesus( 2000); Rufino( 1988) e Santana(2015).

**Palavras-chave:** Mulher negra. Literatura. Identidade. Resistência.

## **PALAVRAS INICIAIS... PALAVRAS!**

O que pode uma palavra? Muito. No decorrer da história, o direito à palavra não era comum a todas as pessoas, uma vez que ter o domínio da linguagem significava, como até atualmente, estar no centro do discurso, adquirir poder. Partilhar esse poder de articular as palavras na construção do discurso que possa desmontar as ideias discricionárias e excludentes em relação aos grupos considerados minoritários, cujas palavras que reproduzem suas visões de mundo são dissonantes dos discursos dominantes, não é interessante para o grupo que sempre concentrou em suas mãos a autonomia e o controle da sociedade. Dessa forma, invisibilizar os grupos sociais marginalizados ao longo da história é perpetuar o poder hegemônico. Silenciar, a partir de uma história com pretensão de hegemonia das experiências, constitui uma estratégia dominante a ser desestruturada pelo reconhecimento da potencialidade das experiências femininas negras.

Nesse contexto, Chimamanda Adichie (2009), escritora nigeriana, alerta para o perigo “de uma história única”: a história que é contada a partir de conceitos cristalizados, que cria estereótipos e não permite aos indivíduos conhecer o outro lado da narrativa. A escritora acrescenta, ainda, que *como* as histórias são contadas e *quem* as conta depende do lugar de poder ocupado. Poder, para Adichie, “é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva” daquele indivíduo. Portanto, rejeitar a história única significa olhar por diferentes perspectivas e admitir a existência de outras vozes e de outros discursos.

Nesse esteio, cabe aqui destacar um grupo que historicamente sofreu com as barreiras construídas para o seu silenciamento: as mulheres negras. Todavia, estas seguem resistindo às opressões de gênero e raça, buscando romper com a mentalidade patriarcal, e encontram na literatura uma das grandes aliadas nessa resistência. A palavra torna-se, então, instrumento de luta contra a invisibilidade sofrida por mulheres negras durante séculos. De acordo com Jurema Werneck – na introdução do livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo - é assim que a mulher negra busca “formas de ser no mundo, de contar o mundo como uma maneira de se apropriar dele”, ou seja, a palavra é que dá sentido e movimenta a existência. A mulher negra, segundo Werneck (apud EVARISTO, 2014), “fala pelas mulheres que não podem falar e insiste em dizer o que tantos não querem dizer”.

Há que se lembrar (para aqueles que insistem em se esquecer) de que no sistema escravagista, as mulheres negras, embora trabalhassem no campo como os homens escravos, sofriam castigos e explorações de maneiras diferentes. Sua condição de mulheres e o fato de se encontrarem em situações efetivas de subjugação fizeram com que milhares de escravizadas fossem vítimas de violência extrema e abuso sexual. Nesse sentido, Davis (2016) destaca que:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (p.25)

Desse modo, enquanto agentes de dominação e opressores, os homens brancos tinham acesso irrestrito ao corpo das mulheres negras. Além disso, essa relação de violência extrema era mascarada por discursos racializados sobre a natureza sexual mais “libertária” das mulheres negras. Nesse sentido, as mulheres negras tiveram a sua condição de sujeitos negada e foram oprimidas das mais variadas formas. De acordo com a autora,

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamentos e estupros – as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas. (DAVIS, 2016, p. 42)

Ainda no século XIX, Soares (2006) destaca como as mulheres negras, principalmente no ganho de rua, desenvolveram comportamentos considerados masculinos e enfrentaram não somente seus “pares sociais” como outros homens e a repressão policial para continuar nas ruas comercializando produtos e gêneros alimentícios. Fato é que, mesmo séculos após a abolição da escravidão, muitas de suas heranças puderam, e de certa forma ainda podem, ser identificadas.

Nos cânones literários, enquanto as mulheres brancas são romantizadas e surgem como heroínas, as mulheres negras são representadas por meio de imagens que remetem ao seu passado escravo, como a objetificação sexual e a subserviência. No que diz respeito à escrita, o silenciamento das mulheres negras foi uma herança do sistema patriarcal excludente que perdurou por muitos e muitos anos. Nesse sentido, para Lucia Osana Zolin (2009, p. 253), o cânone literário esteve moldado a um conjunto de obras instituídas pelo homem

branco, ocidental, classe média alta, excluindo, assim, os escritos de mulheres – principalmente não brancas – e de indivíduos pertencentes às classes sociais desfavorecidas.

O crescimento de autorias femininas negras contemporâneas na esfera literária, entretanto, explicita uma ruptura com os discursos que reforçam o preconceito, buscando um processo de “descolonização” do olhar. Desse modo, as mulheres negras têm pensado a Literatura como um espaço de reflexão sobre a opressão que vivenciam, de redefinição de sua própria trajetória e de busca pela igualdade de direitos. Nesse sentido, objetivamos neste artigo discutir sobre como a literatura tem sido utilizada enquanto mecanismo de luta e resistência por mulheres negras, de modo a evidenciar diferentes caminhos e temáticas que permeiam tal utilização. Para tanto, iniciaremos com uma reflexão sobre as vozes que se fazem presentes na escrita literária a partir do lugar de fala, das experiências individuais e coletivas das escritoras. Em seguida, trataremos de analisar como as autoras, em suas produções, abordam questões relacionadas às identidades, ao empoderamento, às lutas e resistências da mulher negra.

### **LITERATURA COMO VOZ E LUGAR NO MUNDO, DEIXA-ME FALAR!**

O crítico literário Antonio Candido (2002, p. 85) argumenta que “a literatura não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”. Além do caráter humanizador da escrita literária, a literatura expressa, segundo Adriana Facina (2004, p. 25), “visões de mundo coletivas de determinados grupos sociais. Tais visões compõem a prática social material dos indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem e com os quais se relacionam”. Assim, a literatura torna-se um espaço onde as questões sociais se revelam. Segundo Candido (2012, p. 175),

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

Através da literatura, as escritoras negras provocam incômodo e desestabilizam a norma hegemônica, pois confrontam o poder e desmistificam o lugar da escrita e do escritor,

revelando que a experiência negra pode sim ser transformada em discurso ficcional. Dessa maneira, a escrita literária é também uma forma de criar indivíduos insubmissos, capazes de confrontar o paradigma dominante. Nas palavras do escritor Javier Cercas (2020): “A literatura serve para o que serviu sempre: para criar gente livre. Para criar gente disposta a viver a vida que quer viver.” Representa, assim, uma possibilidade de ruptura com as ideologias conservadoras, possibilitando às mulheres negras libertarem-se dos padrões impostos e assumirem suas próprias identidades.

Segundo Djamila Ribeiro (2017), filósofa e ativista negra, “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (p. 64). Djamila também reconhece que cada pessoa ocupa um lugar social e fala a partir dele, e que indivíduos se sentem pertencentes a determinados grupos devido às experiências similares que partilham. Considerando especificamente a esfera literária, entende-se que as histórias narradas pelas escritoras negras, mesmo partindo, muitas vezes, de experiências individuais das autoras, refletem a restrição de oportunidades como consequência dos espaços sociais que elas ocupam, já que as mulheres negras têm menores possibilidades em relação a outros grupos. Assim, suas vivências não são apenas suas, mas também de outras mulheres cujas experiências são semelhantes.

Na produção feminina negra, muitas são as vozes representadas, uma vez que, além de explicitar angústias, lutas e memórias próprias, as autoras também abordam questões de emancipação, denunciam a violência racial e de gênero, mostram a solidão vivenciada pelas meninas negras em diferentes espaços sociais. Ao criarem histórias e identidades negras, as autoras (re)inventam a si mesmas e desconstróem conceitos padronizados sobre as personagens femininas negras na literatura brasileira, principalmente, nos cânones literários.

Desse modo, além de a Literatura refletir uma maneira própria de estar no mundo, ela também dá voz a um coletivo através da representatividade. A autora Geni Guimarães (1998), em seu livro *A cor da ternura*, relata brevemente o ofício da escrita literária: “Acredito que o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças.” (p. 94). Assim, por meio da Literatura, a mulher negra dá voz a grupos historicamente marginalizados e busca provocar transformações.

Palavra é poder, sendo assim, uma maneira de se fazer ouvir e de se afirmar. Não por acaso, a partir do movimento feminista negro, que insiste na igualdade racial e de gênero, é crescente o número e mulheres negras inseridas no universo da escrita literária. Essa efervescência representa o desejo das escritoras negras de fazerem a sua voz ecoar e de lutarem contra o apagamento literário. Nesse sentido, Conceição Evaristo (2004) explicita na série *Cadernos Negros*: “Escrever é dar movimento à dança-canto que meu corpo não executa. A poesia é a senha que invento para poder acessar o mundo” (*Cadernos Negros* 25, p.35). Ou seja, a escrita literária é a forma pela qual a autora tem a liberdade de se expressar, de se inserir no mundo, representa o seu modo de existência e de (re)sistência.

Em sua obra *Becos da Memória*, Evaristo (2006) dá voz a personagens marcadas pela exclusão, mas também por sonhos, esperanças e desejos. A autora, por meio da personagem Maria-Nova, criança negra e pobre que enxerga a escrita como meio de resistência, deixa transparecer a necessidade da escrita de histórias que valorizem o sujeito comum, muitas vezes submetido aos mais diversos tipos de violência e exclusão:

Um dia, e agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo. (p.161)

Portanto, para Evaristo, a escrita torna-se um meio de transformar a si e a vida de seu povo, isto é, de provocar mudanças individuais e coletivas. Porém, isso só é possível pelo fato de a autora conhecer o seu lugar de origem, vivenciar a condição de ser menina negra e pobre. Em vista disso, há uma identificação da escritora com suas personagens femininas, pois ela escreve sobre angústias, dores, esperanças e vivências, as quais são recriadas em muitas de suas personagens. Surge, com base na escrita que nasce da experiência de vida de Evaristo e de seu povo, o neologismo criado pela autora: *escrevivência*. Uma escrita que, segundo a própria Conceição Evaristo (2005, p. 54), é contaminada pela condição de mulher negra:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como

objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida.

Nesse contexto, Conceição Evaristo (2007), que escreve sustentada pelo seu lugar de fala de mulher negra, busca provocar rupturas com estereótipos vinculados à mulher negra no imaginário da sociedade e incomodar o poder hegemônico, questionando-o. Diante disso, a autora parte de sua própria vivência para evocar uma memória coletiva, ou seja, o seu discurso é transpassado por discursos outros:

E, se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. [...] A nossa Escrivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (p. 21).

Destarte, Carolina Maria de Jesus, ao afirmar em sua obra *Quarto de Despejo* que não entrou no mundo pela porta da frente, mas pelo quintal (JESUS, 2000), aponta a diferença em relação a outras vivências, a possibilidade de narrar por outros ângulos, isto é, a Carolina negra, pobre e moradora da favela do Canindé tem uma visão de mundo diferente da perspectiva do homem branco e pertencente à elite. Olhar o mundo através dos olhos de Carolina, que não está inserida nesse lugar de privilégio, pode mudar totalmente a perspectiva, os lugares de pertencimento, as reflexões e os conhecimentos produzidos.

Carolina Maria de Jesus, embora pouco escolarizada, tinha consciência da sua condição marginal e via na escrita uma esperança para escapar da fome, da miséria e da violência cotidiana da favela. A autora chega a dizer em determinado momento da narrativa: “nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorre. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro” (2000, p. 147). Carolina sabia o quanto a sua condição de negra, catadora de lixo e moradora da favela era forte o suficiente para aprisioná-la a um sistema excludente e opressor, mas é exatamente essa consciência que faz com que a autora resista e escreva.

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus conhecia a força da palavra e fazia da literatura um mecanismo de defesa contra as situações cotidianas de violência e discriminação que vivenciava. Exemplo disso são as ameaças feitas por Carolina aos moradores da favela de

incluí-los no seu livro caso eles a ofendessem. Nas palavras da autora: “Deixe estar que eu vou botar vocês no meu livro”. Para Carolina, a escrita era o seu lugar de libertação, de denúncia e de reconstrução de si mesma. Além disso, ao relatar a sua história e os problemas sociais vivenciados, o sujeito “mulher-negra-favelada” representa também identidades coletivas da favela do Canindé. Carolina é a voz de representação do povo oprimido da favela.

Desse modo, a mulher negra traz para a literatura não apenas um olhar sobre si mesma e suas vivências, mas também sobre sua origem, sobre o passado histórico do seu povo e os caminhos diferenciados pelos quais passou.

### **Identidades, resistências e empoderamento: vozes que ecoam**

Em diversos momentos, as personagens e vozes presentes na produção literária das escritoras negras expõem o compromisso com a emancipação da mulher negra e com a desconstrução de padrões estéticos pré-estabelecidos, como é o caso do poema *Retina Negra*:

Sou preta fujona  
Recuso diariamente o espelho  
Que tenta me massacrar por dentro  
Que tenta me iludir com mentiras brancas  
Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona  
Preparada para enfrentar o sistema  
Empino o black sem problema  
Invado a cena

Sou preta fujona  
Defendo um escurecimento necessário  
Tiro qualquer racista do armário  
Enfio o pé na porta  
E entro.  
(SOBRAL, 2014, p.20)

No sentido reverso da tentativa de silenciar a mulher negra, Cristiane Sobral (2014), por meio da poética, questiona, desmascara e aponta o racismo. Sobral coloca a “preta fujona” como alguém que recusa a submissão aos padrões impostos pela sociedade e empina o seu cabelo “black” com orgulho, demonstrando que as diferenças precisam ser respeitadas. A autora defende, ainda, “um escurecimento necessário”, o qual diz respeito a um processo de inclusão da mulher negra em espaços de visibilidade, como na academia e na literatura.

Enquanto nos cânones literários a mulher negra surge em lugares de subalternidade, no poema de Cristiane Sobral a “preta fujona” assume a sua negritude, luta contra o racismo e mantém uma posição de igualdade na sociedade brasileira.

Assim como Cristiane Sobral no poema *Retina negra* demonstra orgulho por seus traços negros e seu cabelo “black”, não se submetendo ao massacre dos padrões estéticos brancos, Carolina Maria de Jesus (2000) relata em *Quarto de Despejo* as questões raciais dentro e fora da favela e, embora consciente da marginalização social dos negros, Carolina exalta a sua cor, demonstrando orgulho de seu cabelo “rústico” e um desejo de igualdade, já que claramente entendia que a sua pele preta não a fazia inferior aos brancos:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (p. 58).

Nesse contexto, outra produção de Cristiane Sobral (2014, p.62) que busca contrargumentar o discurso racista preconizado na sociedade é o poema *Erro de Português*. Na primeira estrofe do poema, a voz do eu lírico se manifesta em tom imperativo: “Tira a mão do meu quadril / não sou mulata exportação Brasil / você vacilou, perdeu a vez / enjoei do seu perfume francês”. Observa-se, nesse fragmento, uma voz que impõe a sua vontade e nega a condição de objeto, herdada do período colonial, para se colocar como sujeito da sua história, que resiste a dois tipos de dominação: exploração por ser negra e por ser mulher. Em outra estrofe do poema, Sobral afirma: “meu cabelo não é bombril / pra remediar me chamando de ‘a preta mais linda que você já viu’”. Dessa forma, a autora reproduz caracterizações e discursos cristalizados na sociedade que, embora possam aparentar positivos ou inofensivos, só reforçam a condição inferior e objetificada da mulher negra.

Em *A cor da ternura*, a autora Geni Guimarães (1998) busca afirmar a negritude e revelar as angústias, alegrias e inquietações da protagonista Geni, a qual enfrenta desafios devido a sua condição racial e social. No livro autobiográfico, Guimarães resgata imagens de seu passado, organizando-as para transformá-las em discurso literário. As histórias mostram a

trajetória de luta da menina Geni que, mesmo em meio às adversidades, sentiu-se impulsionada a perseguir a sua realização pessoal e profissional.

Geni, assim como as outras meninas negras, está inserida em uma escola e em uma sociedade cujos valores não representam a sua verdadeira identidade. Por diversas vezes, a personagem sente-se constrangida ao ser chamada de “cabelo bombril” e “negrinha” pelos colegas e também por ouvir a professora contar a história dos negros como se eles fossem submissos, covardes e bobos. Não ter qualquer referência positiva sobre a sua origem negra e ser constantemente excluída fez com que Geni desejasse não ter mais a pele preta, tentando lavar a “tinta” que a cobria: “Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele” (p. 69).

Entretanto, a marginalização sofrida por Geni não foi suficiente para apagar seus sonhos e aspirações. A protagonista nutria um amor imenso por sua mãe, seu pai e seus irmãos. Todos eram negros como ela. Todos tinham “a cor da ternura”. Assim, Geni encontrou no amor da família e dentro de si mesma a força necessária para se descobrir e lutar pelos seus objetivos. No conto *Alicerce*, essa força transparece:

- Pai, o que mulher pode estudar?
  - Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.
  - Vou ser professora – falei num sopro.
  - Meu pai olhou-me, como se tivesse ouvido blasfêmia.
  - Ah! Se desse certo... Nem que fosse pra mim morrer no cabo da enxada. Olhou-me com ar de consolo. – Bem que inteligência não te falta.
  - É pai. Eu vou ser professora.
- Queria que ele se esquecesse das durezas da vida.  
(p.72)

Em outro momento da narrativa, quando Geni já cursava o ginásio, o administrador das terras nas quais o seu pai trabalhava comenta, quando passa por Geni e o pai dela na estrada: “Não tenho nada com isso, seu Dito, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...” (p. 73). A protagonista sente, mais uma vez, o lugar subalterno que é relegado à mulher negra e pobre, todavia, contrariando as regras sociais impostas, Geni termina o ginásio e se forma professora, deixando sua família orgulhosa e esperançosa de um futuro menos amargo, mais terno e promissor.

Embora o seu livro seja autobiográfico, Geni não conta apenas a história de si mesma. Narrando a vida de sua família e sua própria vida de menina negra, Geni Guimarães extrapola os limites da escrita de si mesma para representar outras vivências. A autora parte de sua subjetividade, porém também abarca outras subjetividades, outros universos semelhantes aos seus.

Os contos narrados em *A cor da ternura* evidenciam a dificuldade de afirmação da negritude em um contexto onde o perfil do negro e, principalmente, da mulher negra, é sempre depreciativo. Tal situação ocorre porque, na maior parte das vezes, a mulher negra é descrita por indivíduos que fazem parte de um grupo hegemonicamente branco e paternalista, dessa forma, meninas e jovens negras têm dificuldade em ver a sua identidade representada na literatura, pois não há identificação nem proximidade com as personagens. Devido a essa falta de representatividade, a mulher negra tem se inserido na esfera literária a fim de levar para esses espaços a vida negra, a mensagem de mulheres que conhecem o aniquilamento e sabem que, se as suas vozes forem inaudíveis, permanecerão escravas de situações não escolhidas.

Nesse sentido, as temáticas e personagens criadas pelas autoras negras definem a escrita literária feminina, que é sustentada pelo desejo de autoafirmação, de resistência aos padrões impostos e de reflexão sobre o papel da mulher negra na história. Dessa forma, a literatura torna-se um espaço em que diferentes vozes se cruzam: trajetórias, vivências, memórias, ancestralidades, modos distintos de representação e ressignificação dos percursos de vida. No poema *Ressurgir das cinzas*, de Esmeralda Ribeiro (2004), é possível observar a consciência da ancestralidade e a referência a mulheres que se destacaram, grande parte pela escrita:

Sou forte, sou guerreira,  
tenho nas veias sangue de ancestrais.  
Levo a vida num ritmo de poema-canção,  
mesmo que haja versos assimétricos,  
mesmo que rabisquem, às vezes, a poesia do meu ser,  
mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:  
“nunca me verás caído ao chão”.  
Sou guerreira como Luiza Mahin,  
Sou inteligente como Lélia Gonzáles,  
Sou entusiasta como Carolina de Jesus,  
Sou contemporânea como Firmina dos Reis  
Sou herança de tantas outras ancestrais.

E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,  
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,  
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça  
mesmo assim tenho este mantra eu meu coração:  
“Nunca me verás caída ao chão”.  
(p.63)

Desse modo, Ribeiro (2004) resgata características e potencialidades de escritoras negras importantes historicamente, explicitando o quanto essas mulheres foram fundamentais no processo de luta e reconhecimento de autorias femininas negras e na própria formação da sua identidade. Afinal, a autora é também mulher negra que escreve e busca se afirmar nesses espaços. As mulheres mencionadas na poética de Esmeralda Ribeiro têm a experiência da desigualdade e do racismo, contudo, resistiram e, através da escrita, abriram caminhos para dar voz a outras escritoras negras que desejam conquistar o seu espaço. Por meio do conhecimento sobre si própria e sobre seu contexto cultural e social, a mulher negra propõe novas maneiras de construção do discurso literário.

Nesse mesmo sentido, a autora Alzira Rufino imprime em seus poemas as marcas deixadas pela escravidão na história, no corpo e na alma do povo negro, ressaltando o orgulho em ser mulher negra no Brasil. Em seu livro *Eu, mulher negra, resisto*, a autora traduz a sua vida e reflete, em sua escrita, o desejo de libertação do povo negro, as resistências e as aspirações, principalmente das mulheres negras. Rufino se destaca na esfera literária por incorporar a luta contra os sistemas racistas e sexistas, e por fazer da literatura uma prática libertadora. Desse modo, o poema intitulado *Resisto*, que aparece na abertura de seu livro, já demonstra um convite à reflexão:

RESISTO  
De onde vem este medo?  
sou  
sem mistério existo  
busco gestos  
de parecer  
atando os feitos  
que me contam  
grito  
de onde vem  
esta vergonha  
sobre mim?  
Eu, mulher, negra,  
RESISTO.  
(RUFINO, 1988, p. 14).

Rufino (1988) inicia o poema com um questionamento, uma angústia interior, para, em seguida, afirmar-se como alguém que se reconhece, que tem consciência da sua essência, que entende a necessidade de reafirmação do seu discurso: “sou / sem mistério existo”. Em outro momento da poética ecoam os versos: “grito / de onde vem / esta vergonha sobre mim?”. Aqui, observa-se a vergonha que muitas vezes é imposta à mulher negra, vergonha de si, dos seus traços, do seu corpo. Porém, o poema revela um eu feminino que faz da escrita uma forma de rebelar-se, e sua voz brada: “Eu, mulher negra, RESISTO”. Desafiando o sistema, que diversas vezes oprime e inferioriza a mulher negra, o eu feminino resiste e se afirma diante das ideologias do homem branco colonizador. Nesse sentido, o sujeito feminino negro provoca um rompimento com seus medos e vergonhas, reforçando a sua identidade.

No que se refere à descoberta da identidade racial, Bianca Santana (2015), professora universitária, pesquisadora e escritora, explicita no livro *Quando me descobri negra* as recordações relacionadas a esse processo de um lado, doloroso, e de outro, libertador. No livro, as histórias narradas por Bianca representam o coletivo que questiona a discriminação e as opressões, lutando contra o silenciamento vivenciado pelas mulheres negras. A autora, em entrevista concedida ao projeto *Todo Dia Delas*, lançado pela HuffPost Brasil, afirma: "Percebi que meus pensamentos e sentimentos faziam sentido para outras mulheres, que não eram histórias só minhas, eram histórias de muitas de nós."

Todavia, Bianca Santana reconhece que ocupar “lugares que historicamente não foram destinados às mulheres negras é uma luta diária”. A autora enfrenta esse desafio tanto no ambiente universitário quanto na esfera literária, buscando afirmar-se nesses espaços. Desse modo, a própria escritora confessa, na apresentação do livro *Quando me descobri negra*, o pensamento de que publicar relatos sobre suas experiências e indignações não é para pessoas como ela, mas, em seguida, confronta esse pensamento e compreende que histórias como as suas precisam ser contadas a fim de que mais mulheres negras publiquem literatura. Bianca entende que a autoafirmação e o empoderamento é um processo, por vezes longo e difícil, mas que esse percurso de descoberta e afirmação de sua identidade é também emancipador, conforme explicita no relato intitulado *Não mexe com quem não anda só*:

E ela saía pelas ruas muito dona de si. Em evidência por querer. Assumindo a sua identidade e o que foi construir naquele país: o resgate da história de seu povo e de sua ancestralidade. Ela era das primeiras negras brasileiras a estudar em Coimbra, mas com ela estavam todas as outras. Conectadas pelo turbante. (2015, p.54)

Em seu livro, Bianca Santana (2015) também relata a dificuldade de identificação com as pessoas e com os locais os quais frequentava. A autora sequer conhecia seus ancestrais, pois nada de africano estava inserido nos costumes de sua família. Nesse momento, ela se dá conta do processo de clareamento pelo qual passou, tendo sua identidade “maquiada”, ocultada por 20 anos. Antes de se descobrir negra, segundo a autora, ela era morena:

Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Óbvio que somos negros. Se nossa pele não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. Minha mãe, economista, funcionária de uma grande empresa, foi branqueada como os mulatos que no século XIX passavam pó de arroz no rosto porque os clubes não aceitavam negros. Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. (p. 14-15)

Em outro momento da narrativa, no relato intitulado *E que lugar seria?*, a escritora declara que passar mais de quatro horas em grupo era solitário, pois não se sentia conectada aos colegas da faculdade nem aos colegas de trabalho. Certo dia, em uma festa da firma, Bianca escuta uma discussão a respeito de um jogador de futebol chamado de “macaco” por torcedores. Seus colegas minimizavam a ofensa, afirmando que a crítica em torno da situação era um exagero e que todos no calor da emoção têm esse tipo de atitude.

Nesse contexto, a autora observava a conversa e pensava que “aquela gente que se sentia superior ao resto do mundo e nunca sofreu efetivamente por causa de sua cor de pele ou condição social gostava de reafirmar que o Brasil não era um país racista” (2015, p.84). Mais uma vez, Bianca não se sente pertencente àquele lugar, pois constatava que as diferenças marcadas pelos seus traços e sua cor de pele se manifestavam como agressão. As suas histórias eram muito diferentes das histórias da maior parte daquelas pessoas. Onde seria, então, o seu lugar?

De acordo com Bianca, hoje ela faz uma reflexão profunda sobre suas origens e deve isso ao seu professor do Educafro<sup>1</sup>, que foi referência para a autora iniciar o processo de (re)construção da sua identidade. Encontrar-se em uma sociedade que reafirma, direta ou indiretamente, que “nem todo lugar é de preto”, segundo a escritora, é um processo doloroso

---

<sup>1</sup>Rede educacional comunitária pautada em reflexões inclusivas e filosofias de movimentos antirracistas.

e cruel até, pois o que a mentalidade patriarcal todos os dias apresenta é que lugares como a universidade e a literatura não são para as mulheres negras. Desse modo, Bianca Santana utiliza a escrita para se libertar das “amarras” do silenciamento e, assim, libertar também tantas outras mulheres negras que passam cotidianamente pela experiência do racismo e da opressão.

Nesse sentido, a escrita feminina negra torna-se um ato de rebeldia, porque as experiências acumuladas por essas mulheres fazem com que resistam e lutem contra as imposições do sistema patriarcal branco, não aceitando o lugar subalterno que por tanto tempo foi atribuído a elas. A literatura de autoria feminina negra aponta para uma nova condição da mulher, que se configura em alguém que não aceita ser subjugada, rebelando-se contra o machismo e o racismo:

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mãe preta", fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminações que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação do racismo e do machismo. (RIBEIRO, 2008, p. 988)

Do ponto de vista de Carneiro, “o esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica” (2003, p. 129). Dessa forma, a possibilidade de ingressar na escrita literária ilustra as lutas de mulheres negras para romper com os privilégios raciais e construir novas histórias. Posicionar-se como mulher negra acarreta mudanças e ressignificação de antigos saberes.

Segundo Ginzburg (2008), “segmentos sociais excluídos por forças repressoras, muitas vezes, tiveram suas vivências relatadas por discursos oficiais de modos distorcidos, restritivos ou manipulados”. Dessa maneira, vários grupos “foram reduzidos a resíduos de si mesmo, tendo suas vivências ocultadas ou esquecidas” (p.200). Nesse contexto, é válido salientar a importância de que os sujeitos pertencentes aos grupos excluídos tenham oportunidade de expressão literária, de contar a sua visão sobre as transformações históricas e, desse modo, contrapor as ideologias dominantes. Assim, a literatura, em muitos momentos,

é utilizada como meio de romper com as esferas do poder institucionalizado, tornando-se um espaço de luta contra as injustiças sociais.

Cabe ressaltar que a escritora Carolina Maria de Jesus conseguiu publicar o seu primeiro livro em 1960, porém enfrentou dificuldades para publicação de suas narrativas, tendo em vista que era uma mulher negra da favela que fazia uma forte crítica social, expondo como os pobres eram abandonados pelos políticos. Desse modo, seu livro não era apreciado no período da ditadura militar e, mesmo após o fim da censura, tinha-se uma ideia de que não havia demanda para narrativas como as de Carolina, já que sua escrita não representava os ambientes mais elitizados de cultura. Nas palavras da própria autora:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. (...) Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. (...) Eu escrevi a realidade. (2000, p.173).

Nesse contexto, o livro *Quarto de Despejo* comprova que as mulheres negras têm um passado literário, embora esse passado nem sempre seja valorizado, já que alguns críticos ainda insistem em não reconhecer a escrita de Carolina como literatura. Apesar disso, a autora é, hoje, referência para as mulheres negras brasileiras, principalmente, para aquelas que lutaram e continuam lutando a fim de se impor no meio literário. Desse modo, a escrita feminina negra aborda saberes e lutas numa perspectiva diferente, buscando dar visibilidade aos discursos daqueles que ainda não tiveram o mesmo direito à voz.

### **MÚTIPLAS VOZES: CAROLINAS, CRISTIANES, ALZIRAS...**

Na literatura de autoria feminina negra, as vozes de Carolinas, Cristianes, Alziras, Genis, Evaristos, Esmeraldas e Biancas se cruzam, associando-se ao coletivo que luta contra o silenciamento, a opressão e as desigualdades. Por meio da escrita literária, as mulheres negras desconcertam, incomodam, questionam o poder hegemônico, buscam o reconhecimento do seu valor e a sua própria reconstituição enquanto sujeitos.

Desse modo, o movimento para dar visibilidade a textos literários por muito tempo marginalizados pela crítica tradicional é fundamental para desconstruir o discurso dominante e contribuir com o processo de “descolonização” da literatura. Não se pode desconsiderar,

portanto, que foi necessária uma construção de gerações até que a mulher negra pudesse emergir na literatura. Assim, a valorização da escrita literária feminina negra não se deu por acaso, pelo contrário, ela é fruto de lutas e reivindicações.

Devido ao movimento negro e a políticas públicas, levou-se aos espaços literários um reconhecimento da temática afro-brasileira que antes não existia. Contudo, publicar obras de autoria feminina negra ainda é um desafio, pois a mulher negra, ao escrever literatura, coloca-se em um espaço onde a sociedade não deseja que ela esteja e resiste às restrições impostas pelo sistema patriarcal branco. A cada vez que uma mulher negra mergulha no universo da escrita literária, ela devolve a humanidade que foi historicamente negada ao povo negro e encoraja outras mulheres a lutarem por cidadania e pelo não silenciamento.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Erika Rodrigues. Revisão de Belucio Haibara. Nova York: TED, 2009. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br) Acesso em: 17 abr. 2020.

CADERNOS NEGROS 25: **poemas afro-brasileiros**. (Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa). São Paulo: Quilombhoje, 2004, n.25. Disponível em: <https://docobook.com/literatura-afro-brasileira-algumas-reflexoes-a.html> Acesso em: 16 abr. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, 2003.

CERCAS, Javier. **A literatura cria gente livre**. TAG – Experiências literárias, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9kWGZ4WIVVE> Acesso em: 17 abr. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GINZBURG, J. Literatura e direitos humanos: notas sobre um campo de debates. In: UMBACH, R. K. (Org.). **Memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM/PPGL-Editores, 2008.

GUIMARÃES, G. **A cor da ternura**. 12 ed. São Paulo: FTD, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

RIBEIRO, Esmeralda. Ressurgir das cinzas. In: RIBEIRO; Esmeralda; BARBOSA, Marcio (Orgs.) **Cadernos Negros**. São Paulo: Quilombhoje, 2004, p. 63.

RIBEIRO, Matilde. (2008). Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Revista Estudos Feministas**, 16(3), 9871004. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104026X2008000300017>

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. (Feminismos Plurais)

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos: Edição da Autora, 1988.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANTANA, Bianca. Bianca Santana, a pesquisadora que busca romper o silenciamento das mulheres negras. **HuffPost Brasil**: 19 mar. 2018. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/19/bianca-santana-a-pesquisadora-que-busca-romper-o-silenciamento-das-mulheres-negras\\_a\\_23389499/](https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/19/bianca-santana-a-pesquisadora-que-busca-romper-o-silenciamento-das-mulheres-negras_a_23389499/) Acesso em: 16 abr. 2020.

SOARES, Cecilia C. Moreira. **Mulher Negra na Bahia no Século XIX**. Salvador, EDUNEB/Fundação Palmares, 2006.

SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. Taguatinga, DF: Ed. Teixeira, 2014.

ZOLIN, L. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (Org.) **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

### **BLACK WOMEN IN LITERATURE: THE WORD AS AN INSTRUMENT OF STRUGGLE AND RESISTANCE**

#### **ABSTRACT**

This article aims to discuss how literature has been used as a mechanism of struggle and resistance by black women, in order to highlight different paths and themes that permeate such use. In this context, we propose a reflection on the voices that are present in literary writing from the place of speech of the writers, from their individual and collective experiences. Then, we carried out an analysis of how the authors, in their productions, approach issues related to identities, empowerment, struggles and resistance of black women. Historically, black women were placed outside the orders established by the patriarchal system, thus, the movement to give visibility to black women's literary texts is fundamental to deconstruct the dominant discourse and to recognize black female potentialities. Thus, the growth of contemporary black female authors in the literary sphere highlights the search for the “decolonization” of literature, using it as a means of identity existence and the search for equal rights. As a methodology for writing, we carry out bibliographic research, from different authors such as: Chimamanda Adichie (2009); Evaristo (2014); Davis (2016); Soares (2006) Osana Zolin (2009); Candido (2002); Facina (2004); Fences (2020); Ribeiro (2017); Zolin (2009); Guimarães (1998); Jesus (2000); Rufino (1988) and Santana (2015).

**Keywords:** Black woman. Literature. Identity. Resistance.

### **MUJERES NEGRAS EN LA LITERATURA: LA PALABRA COMO INSTRUMENTO DE LUCHA Y RESISTENCIA**

#### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo la literatura ha sido utilizada como un mecanismo de lucha y resistencia por las mujeres negras, con el fin de resaltar diferentes caminos y temas que impregnan dicho uso. En este contexto, proponemos una reflexión sobre las voces que están presentes en la escritura literaria desde el lugar de discurso de los escritores, desde sus experiencias individuales y colectivas. Luego, realizamos un análisis de cómo los autores, en sus producciones, abordan temas relacionados con las identidades, el empoderamiento, las luchas y la resistencia de las mujeres negras. Históricamente, las mujeres negras fueron colocadas fuera de las órdenes establecidas por el sistema

patriarcal, por lo tanto, el movimiento para dar visibilidad a los textos literarios de las mujeres negras es fundamental para deconstruir el discurso dominante y reconocer las potencialidades de las mujeres negras. Así, el crecimiento de las autoras negras contemporáneas en el ámbito literario destaca la búsqueda de la "descolonización" de la literatura, utilizándola como un medio de existencia de identidad y la búsqueda de la igualdad de derechos. Como metodología de escritura, llevamos a cabo investigaciones bibliográficas de diferentes autores como: Chimamanda Adichie (2009); Evaristo (2014); Davis (2016); Soares (2006) Osana Zolin (2009); Cândido (2002); Facina (2004); Cercas (2020); Ribeiro (2017); Zolin (2009); Guimarães (1998); Jesús (2000); Rufino (1988) y Santana (2015).

**Palabras clave:** Mujer negra. Literatura. Identidad. Resistencia.

---

Submetido em: junho de 2020.

Aprovado em: julho de 2020.

Publicado em: setembro de 2020.